

## DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL NA PERSPECTIVA INDÍGENA NOS CAMPOS INSTITUCIONAL E EDUCACIONAL

David Kaique Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

Davi Borges Limeira da Silva<sup>2</sup>

Shirley Vilhalva<sup>3</sup>

Saionara Figueiredo Santos<sup>4</sup>

**Resumo:** Este texto tem como base norteadora o estudo sociolinguístico que estuda a linguística considerando o contexto social e a relação entre a linguagem e a sociedade. Importante destacar que a linguagem e os diversos conhecimentos linguísticos é também sinônimo de identidade, ciência e cultura. Através da linguagem criamos mecanismos de interação social e transmitimos uma visão de mundo e essa diversidade linguística enriquece a maneira de ver o mundo. A cada língua diferente é mais uma maneira de ver, conhecer e entender o mundo. Os estruturalistas são orientados para a organização de uma gramática descritiva e entendem a linguagem como uma realidade social concebendo-a como um sistema de sinais (complexo) no qual cada um está ligado a outros, quanto mais longe a estrutura dessa língua for, mais difícil será explicar a maneira de conhecer o universo. Conhecer várias

---

1. Indígena da etnia Pataxó, Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Libras: Docência e Intérprete pela Faculdade Santo Agostinho (FACSA) e em Inclusão e Diversidade na Educação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Licenciado em Letras - Libras pelo Centro Universitário ETEP e em História pela Faculdade Santo Agostinho (FACSA). É proficiente em Tradução e Interpretação da Libras PROLIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Endereço eletrônico: kawhaufsb2017@gmail.com.

2. Bacharel no curso Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. Coordenador do núcleo Central dos Estudantes indígenas da UFSB, campus Sosígenes Costa - Porto Seguro - BA. Ativista dos direitos dos povos indígenas, cultura, identidade e das Línguas Indígenas de Sinais - LIS. Endereço eletrônico: davidlibras6@gmail.com.

3. Pedagoga, Mestre em Linguística - UFSC e Doutoranda em Linguística Aplicada UNICAMP/UFMS. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Endereço eletrônico: shirley.vilhalva@ufms.br.

4. Pós doutora pela Universidade de Buenos Aires, com pesquisas sobre Estudos de Gênero e Estudos da Tradução (O Corpo da Mulher Tradutora e Intérprete de Línguas de Sinais). Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pedagoga pela Universidade das Américas Tradutora/Intérprete de Língua de Sinais Brasileira. Atualmente, trabalha como Professora da área de Tradução, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC - Câmpus Palhoça Bilingue). Endereço eletrônico: saionara.figueiredo@ifsc.edu.br.

---

[Recebido em: 05 jun. 2023 – Aceito em: 15 set. 2023]

línguas nos permite ampliar os nossos olhares e ver e agir de forma diferente. Um estudo trilhado através dos autores: WEINREICH (2006); SALOMÃO (2013); MAHER, (2010).

**Palavras-chave:** Comunidade multilíngue. Multiculturalidade. Ensino-aprendizagem. Linguística. Indígenas.

## LINGUISTIC AND CULTURAL DIVERSITY FROM THE INDIGENOUS PERSPECTIVE IN INSTITUTIONAL AND EDUCATIONAL CONTEXTS

**Abstract:** This article is based on sociolinguistic study, which examines linguistics considering the social context and the relationship between language and society. It is important to highlight that language and diverse linguistic knowledge are also synonymous with identity, science, and culture. Through language, we create mechanisms of social interaction and transmit a worldview, and this linguistic diversity enriches our way of perceiving the world. Each different language represents another perspective to see, know, and understand the world. Structuralists are guided towards the organization of a descriptive grammar and perceive language as a social reality, conceiving it as a complex system of signs in which each one is interconnected with others. The farther the structure of a language is, the more difficult it becomes to explain the way of understanding the universe. Acquiring knowledge of multiple languages allows us to broaden our perspectives and see and act in different ways. This study is guided by the works of authors such as Weinreich (2006), Salomão (2013), and Maher (2010).

**Keywords:** Multilingual community. Multicultural. Teaching-learning. Linguistics. Indigenous.

### Introduzindo a diversidade de línguas no campo disciplinar da linguística e seus pontos de contato

A linguística como disciplina científica trata do estudo de sistemas linguísticos. Seu objeto de estudo é a linguagem de uma forma geral. Esta disciplina é subdividida em outras categorias específicas que tratam dos diversos campos de estudo linguísticos comumente referidos como “ramos da linguística”. Um dos ramos da Linguística que nos interessa de uma forma particular neste estudo é a Sociolinguística. Trata-se do estudo do sistema linguístico considerando o contexto social, ou seja, estuda as relações entre a linguagem e a sociedade. Portanto, os sociolinguistas se dedicam

ao estudo da linguagem considerando que a manifestação linguística dos indivíduos é condicionada por diversos fatores sociais. Entre os estudos realizados, destacam-se aqueles que abordam o contato de línguas, que têm tido lugar de destaque nas discussões desse campo disciplinar. Nesse sentido, para o campo das línguas indígenas, a Sociolinguística pode contemplar e embasar mesmo as línguas menos conhecidas porém ainda utilizadas dentro do convívio dos povos, como as línguas indígenas e, mais especificamente, Línguas Indígenas de Sinais (SANTOS, 2023).

De acordo com as contribuições de Weinreich (2006), o contato com a língua é uma situação em que “duas ou mais línguas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas”. Indivíduos que usam idiomas são, portanto, o ponto de contato (WEINREICH, 2006, p. 17). Nesse mesmo sentido, encontra-se a definição de Salomão (2013), que considera que situações de línguas em contato ocorrem quando é estabelecida por qualquer duas ou mais línguas em qualquer situação. Segundo este autor, o contato linguístico pode surgir em diversos contextos e situações, como os marcados pela coabitação de comunidades bilíngues, nos contextos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e em áreas fronteiriças.

O contexto em que nossa pesquisa está localizada é caracterizado por essas três condições. Ou seja, o contexto indígena brasileiro é fortemente marcado pela presença de indivíduos bilíngues, como é o caso das línguas portuguesas; nesse caso estamos referindo também às línguas indígenas; no contexto do ensino-aprendizagem. Além da língua indígena, podem aprender o português como língua materna, além de espanhol e/ou inglês como oferta de língua estrangeira. Desta forma, o contexto de pesquisa é, por si só, um espaço fronteiriço no qual as relações transfronteiriças abundam com um intenso contato linguístico-cultural entre as comunidades indígenas (MAHER, 2010).

Nesses contextos, destaca-se a existência de comunidades multilíngues e multiculturais, situação irreversível nos dias atuais. Além disso, segundo Silveira (2018), “a coexistência da sociedade e das línguas dá origem a fenômenos que afetam todos os níveis linguísticos” enquanto algumas

“línguas influenciam outras”(p. 178). Possenti (2013) apresenta uma série de situações em que o contato com a linguagem é possível definir algumas situações, mas ao mesmo tempo destaca a importância do caráter efêmero em que se encontram, uma vez que assim como as línguas apresentam seu dinamismo, as situações de contato também podem mudar com o tempo. Alguns apontamentos necessários (POSSENTI, 2013) a essas definições:

- O arquipélago linguístico corresponde à situação em que várias línguas são faladas por um número restrito de falantes e que não necessariamente têm uma relação linguística geneticamente;
- Fronteiras mais ou menos estáveis entre as famílias linguísticas (elas são estabelecidas no momento em que diferentes línguas coexistem em áreas fronteiriças);
- A expansão colonial europeia do ponto de vista linguístico, possibilitou o surgimento de novas comunidades linguísticas a partir do contato das línguas europeias com as várias línguas dos nativos nos contextos de ocupação colonial;
- Grupos individuais de falantes de línguas minoritárias isoladas pelas línguas nacionais mais próximas correspondem às situações em que há penetração de diferentes línguas e culturas em um espaço já linguisticamente e culturalmente consolidado;
- Movimentos migratórios são, atualmente, talvez a situação mais recente que tem impulsionado o contato linguístico e cultural em várias partes do mundo. Impulsionados pela globalização, os movimentos migratórios têm destacado a diversidade na qual se observa o surgimento de comunidades multilíngues e multiculturais.

Entre os pontos apresentados acima, a situação de contato linguístico que caracteriza nosso contexto de pesquisa é a produzida pela expansão colonial europeia. O processo de colonização na América, e mais especificamente na América do Sul, onde está localizado o Brasil, liderado por Portugal e Espanha, marcou as línguas ali faladas atualmente, como é o caso do português e do espanhol com suas nuances. Como afirma Barboza (2014), não há dúvida de que a consolidação das línguas luso-espanholas nas novas colônias na América, línguas atualmente consideradas hegemônicas, significou a dizimação de diversos povos e línguas indígenas ou ao declínio de alguns outros que gozavam de alto esplendor linguístico nos tempos que antecedem a era moderna.

## Fenômenos linguísticos resultantes do contato com uma língua

As influências que algumas línguas exercem sobre outras, após o contato linguístico, geram alguns fenômenos linguísticos. Os fenômenos derivados do contato das línguas, organizados por Correia (2019), podem estar relacionados ao contato dos sistemas, com o uso de diversas línguas e com o contato de línguas, não sendo intenção, a realização de um estudo detalhado dos tipos de fenômenos linguísticos resultantes do contato com a linguagem. Por essa razão, dedicamo-nos a apresentar os mais comuns nas manifestações linguísticas de indivíduos que vivem em uma realidade marcada pela coabitação das línguas.

De acordo com as contribuições de Weinreich (2006), o contato com a língua é uma situação em que “duas ou mais línguas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas”. Indivíduos que usam idiomas são, portanto, o ponto de contato (WEINREICH, 2006, p. 17). Nesse mesmo sentido, encontra-se a definição de Salomão (2013), que considera que situações de línguas em contato ocorrem quando é estabelecida por qualquer duas ou mais línguas em qualquer situação. Segundo este autor, o contato linguístico pode surgir em diversos contextos e situações, como os marcados pela coabitação de comunidades bilíngues, nos contextos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e em áreas fronteiriças.

O contexto em que nossa pesquisa está localizada é caracterizado por essas três condições. Ou seja, o contexto indígena brasileiro é fortemente marcado pela presença de indivíduos bilíngues, como é o caso das línguas portuguesas, nesse caso estamos referindo também a língua portuguesa indígena, bem como das línguas indígenas; no contexto do ensino-aprendizagem, além do português como língua materna, no caso do espanhol e inglês a oferta é como línguas estrangeiras. Por fim, o contexto de pesquisa é, por si só, um espaço fronteiriço no qual as relações transfronteiriças abundam com um intenso contato linguístico-cultural entre as comunidades indígenas (MAHER, 2010).

Nesses contextos, destaca-se a existência de comunidades multilíngues e multiculturais, situação irreversível nos dias atuais. Além disso, segundo Silveira (2018), “a coexistência da sociedade e das línguas dá origem a fenômenos que afetam todos os níveis linguísticos”. Possenti (2013) apre-

senta uma série de situações em que o contato com a linguagem é possível definir algumas situações, mas ao mesmo tempo destaca a importância do caráter efêmero em que se encontram, uma vez que assim como as línguas apresentam seu dinamismo, as situações de contato também podem mudar com o tempo. Segue estudo dessas definições:

- O arquipélago linguístico corresponde à situação em que várias línguas são faladas por um número restrito de falantes e que não necessariamente têm uma relação linguística geneticamente;
- Fronteiras mais ou menos estáveis entre as famílias linguísticas são estabelecidas no momento em que diferentes línguas coexistem em áreas fronteiriças;
- A expansão colonial europeia do ponto de vista linguístico, o movimento da expansão colonial, possibilitou o surgimento de novas comunidades linguísticas a partir do contato destas línguas com as várias línguas dos nativos nos contextos de ocupação colonial;
- Grupos individuais de falantes de línguas minoritárias isoladas pelas línguas nacionais mais próximas correspondem às situações em que há penetração de diferentes línguas e culturas em um espaço já linguisticamente e culturalmente consolidado;
- Movimentos migratórios são, atualmente, a situação mais recente que tem impulsionado o contato linguístico e cultural em várias partes do mundo. Impulsionados pela globalização, os movimentos migratórios têm destacado a diversidade na qual se observa o surgimento de comunidades multilíngues e multiculturais.

Entre os pontos apresentados acima, a situação de contato linguístico que caracteriza nosso contexto de pesquisa necessita ser destacado. O processo de colonização na América, e mais especificamente na América do Sul, onde está localizado o Brasil, liderado por Portugal e Espanha, marcou as línguas ali faladas atualmente. Como corrobora Barboza (2014) com os fatos abordados acima, é importante repetir que a consolidação das línguas luso-espanholas nas novas colônias na América significou a dizimação de diversos povos e línguas indígenas ou ao declínio de alguns outros que gozavam de alto esplendor linguístico nos tempos que antecedem a era moderna.

## **Fenômenos linguísticos resultantes do contato com a língua, inclusive, com línguas indígenas**

As influências que algumas línguas exercem sobre outras, após o contato linguístico, geram alguns fenômenos linguísticos. Os fenômenos derivados do contato das línguas, organizados por Correia (2019), podem estar relacionados ao contato dos sistemas, com o uso de diversas línguas e com o contato de línguas, não sendo intenção, a realização de um estudo detalhado dos tipos de fenômenos linguísticos resultantes do contato com a linguagem. Por essa razão, dedicamo-nos a apresentar os mais comuns nas manifestações linguísticas de indivíduos que vivem em uma realidade marcada pela coabitação das línguas.

### **a. Interferência/transferências de idiomas**

A interferência é um dos fenômenos mais comuns cuja ocorrência ocorre quando dois ou mais sistemas linguísticos estão em contato. O termo interferência foi usado por Weinreich (2006) para se referir aos desvios sofridos pelos sistemas linguísticos que estão em contato. De fato, este autor afirma que: “[Interferências são] instâncias de desvio das normas de uma das línguas que ocorrem na fala de bilíngües como resultado de sua familiaridade com mais de uma língua” (Weinreich, 1953, p. 1).

Para este autor, o termo interferência está subjacente à ideia de deformação da língua causada pelo contágio das estruturas dos sistemas que estão em contato. Em Lewandowski (1982) o termo interferência é entendido como o “fenômeno pelo qual há estruturas linguísticas já aprendidas afetam perturbadoramente estruturas que são aprendidas pela primeira vez” (LEWANDOWSKI, 1982, p. 191).

Da mesma forma, Swain (2006) em seu Dicionário de termos-chave de DLE, usa o termo interferência para se referir aos erros cometidos na segunda língua (doravante L2), supostamente originado pelo seu contato com L1; é sinônimo de transferência negativa. Do ponto de vista deste autor, as interferências são os resultados das estratégias empregadas por indivíduos que se baseiam em seus conhecimentos linguísticos e gerais anteriores e tentam aproveitar-se para o aprendizado de L2.

No entanto, o termo interferência tem sido questionado na literatura. Portanto, atualmente muitos autores geralmente optam pela transferência de termo para se referir às situações em que uma língua começa a apresentar estruturas de outra língua quando estão em contato.

A transferência de estruturas de uma língua para outra, ou seja, da primeira língua ou língua materna (doravante L1 ou LM) para uma L2, resulta em uma construção gramatical na maioria das vezes distinta. Segundo Krashen (1977) “um resultado gramatical não significa que sejam pouco frequentes ou não naturais” (KRASHEN, 1977, p. 255)“.

### **b. Alternância de código**

Outro fenômeno linguístico resultante do contato das línguas é a alternância de códigos. Também conhecido como troca de código, mistura de idiomas ou comutação de código. A alternância de códigos é o fenômeno linguístico de maior ocorrência na manifestação da linguagem dos indivíduos bilíngues. Como aponta Naro (2008), esse fenômeno consiste na justaposição de frases ou fragmentos de frases de diferentes línguas no discurso do mesmo orador.

Consiste, portanto, em uma mudança na ordem estrutural onde o alto-falante alterna entre as línguas L1 e L2 que estão em uso. Na alternância de códigos, um alto domínio linguístico do indivíduo é essencial, uma vez que manter a ordem dos elementos em ambas as línguas é um critério fundamental a ser configurado na alternância dos códigos.

Deve-se notar que ao contrário do fenômeno de interferência, que mencionamos acima, em que o resultado é uma construção gramatical, na alternância de códigos uma construção que não está fora da gramática de L1 ou L2, ainda assim pode haver coincidências gramaticais sem alterar a ordem estrutural de ambas as línguas. Como ressalta Santos (2019), “a mudança de código não ocorrerá nos contextos em que há uma ruptura das regras sintáticas em cada língua e exige, de alguma forma, que o orador tenha um alto grau de bilinguismo (SANTOS, 2019, p. 17)“.

### c. Empréstimos linguísticos

O dicionário define o empréstimo linguístico como a ação e efeito associado ao termo linguístico (palavra de empréstimo linguístico). Estes são definidos como o elemento, geralmente léxico, que uma língua tira de outra. Entre as definições de empréstimo linguístico que abundam na literatura estão aquelas que se referem ao fenômeno como forma de expressão – inovação da fala e enriquecimento do inventário léxico – imitação, transformação e adaptação que serão transportadas de uma língua para outra, neste caso, de L2 a L1 (HOUAISS & VILLAR, 2001).

Silveira (2018) identifica através dos estudos de Haugen (1953), uma classificação tipológica de palavras de empréstimo linguístico. Este autor classifica-os em empréstimos puros e empréstimos híbridos ou mistos. Sob a concepção de empréstimos puros, está por trás da ideia de incorporar elementos léxicos em L1 sem que esses elementos sejam submetidos a qualquer modificação em sua estrutura. No que diz respeito aos empréstimos híbridos, é também uma incorporação de elementos léxicos em L1, porém esses elementos passam por uma transformação ou adaptação em sua estrutura. As palavras híbridas têm uma forma cuja característica se manifesta pela presença das línguas L2 e L1.

Outra classificação dos empréstimos linguísticos refere-se à tipologia dos empréstimos consolidados e transitórios. Para Shana Poplack (1993), citada por Possenti (2013), os empréstimos consolidados são aqueles totalmente integrados e são difíceis de distinguir nas unidades patrimoniais, enquanto os transitórios como o próprio nome indicam, não estão estabelecidos na L1, por isso estão no “processo de divulgação”.

Vale ressaltar que os empréstimos linguísticos são geralmente associados ao empréstimo de elementos léxicos. Nesse sentido, Swain (2006) menciona que são substantivos que se prestam mais recorrentemente de uma língua para outra. No entanto, eles também afirmam que isso pode ocorrer com outros elementos da língua, embora com menos frequência.

A partir dessas contribuições, observa-se que os fenômenos linguísticos descritos acima têm características bastante semelhantes. Na verdade, não é fácil de entender, pois há uma linha muito estreita, pontos

que os unem e também que os separam. Da mesma forma, no que diz respeito à alternância e ao empréstimo linguístico, Swain (2006) afirma que se o orador usa dois sistemas, estamos enfrentando uma alternância de línguas e, se ele manuseia um único sistema, é um empréstimo linguístico.

#### **d. A internalização de um sistema linguístico: a interlinguagem**

Indivíduos que fazem uso de duas ou mais línguas buscam desenvolver estratégias para aprimorar o processo de aquisição ou aprendizagem. Dessa forma, é bastante comum que aprendizes de um L2 ou LE confiem em sua língua materna transferindo elementos do LM durante o processo de aprendizagem da língua-alvo.

As primeiras contribuições sobre o fenômeno linguístico da interlinguagem iniciou com estudo de Selinker (1969), aderiu ao termo interlíngua de Weinreich (1953). Na concepção fornecida por Nemser (1971) a interlinguagem é caracterizada como um “sistema híbrido” formado pela união de elementos de todas as línguas que estão em contato com o aluno. Este novo sistema se afasta de uma e outra língua e serve como um eixo organizador no processo de aprendizagem. Na mesma perspectiva está a contribuição de Selinker (1972) para quem a interlinguagem é concebida como um sistema aberto e dinâmico que é orientado para a formação de um novo sistema linguístico.

Do ponto de vista deste autor, esse novo sistema não tem base estrutural nas linguagens com as quais o aluno tem contato, mas é um sistema específico no processo de construção. Por outro lado, na perspectiva de Naro (2008), a interlinguagem é caracterizada por um processo de sofisticação do sistema linguístico que se baseia nas linguagens em contato do indivíduo. Essas contribuições têm em comum o reconhecimento de que, durante o processo de aquisição ou aprendizagem de idiomas, os indivíduos constroem um novo sistema linguístico apoiado por sua LM e outras linguagens com as quais estão em contato.

Na concepção de Selinker (1972), a interlinguagem é justamente esse sistema linguístico em construção que está entre uma língua e outra(s). Este autor ressalta que a interlinguagem é um contínuo linguístico cujo objetivo é estabelecer a relação entre dois extremos e caracte-

riza-se por ser um sistema individual de cada aluno com adições que se manifestam irregularmente e desequilibradas, mas, ao mesmo tempo, de forma sistemática.

### **A Didática da Linguagem e Literatura no contexto das línguas indígenas**

A DLL vem evoluindo desde seu nascimento. Essa evolução tem sido uma função de sua própria natureza, seu modo de ser e propriedade. Como disciplina científica e campo de ação, é concretizada no estudo de fenômenos relacionados ao ensino-aprendizagem das línguas e é, ao mesmo tempo, um campo de integração devido à influência mútua entre outras disciplinas que são circunscritas a outros campos do conhecimento.

Nesse sentido, a língua está localizada no centro de um processo dinâmico e evolutivo para que sua (re) definição ou (re)elaboração seja constante. Para Maher (2010), a DLL encontra-se no espaço de interação entre práticas pedagógicas e processos de aprendizagem de idiomas.

Para este autor, o objeto de estudo desta disciplina é entendido como:

O processo de ensino e aprendizagem de línguas, em que, como em qualquer processo de ensino, três fatores intervêm: o aluno, o professor e o conteúdo do ensino, que juntos constituem um sistema de atuação: o didático – pode-se dizer um sistema de sistemas, no qual outros sistemas interrelacionados de atividade estão envolvidos (MAHER, 2010, p. 51).

Por sua vez, Santos (2019) concebe o objeto de estudo da DLL como os processos de ensino, aquisição e aprendizagem da língua e literatura, bem como tudo relacionado ao desenvolvimento de competências, conhecimentos, habilidades e estratégias linguísticas e/ou literárias implantadas pelo aluno. O objeto do estudo em si evoluiu na medida em que a própria disciplina se consolidou como ciência. Por isso, acreditamos que o objeto de estudo é definido nos processos dinâmicos em que todas as ações relacionadas ao ensino-aprendizagem das línguas são inseridas em um espaço de interação complexa.

Evolução, complexidade, paradoxo e transversalidade são as constantes que Possenti (2013) usa para abordar as características dessa disciplina. Evoluir e adaptar implica mudanças em toda a dinâmica do processo.

Não se trata apenas de incorporar um problema a ser tratado pela disciplina, mas de se colocar na perspectiva do problema para resolvê-lo. Nesse sentido, essa incorporação mudará todas as formas de ver e tratar problemas porque, como evidencia Salomão (2013), percepções e mudança de conhecimento, experiências, observações, referências teóricas e, consequentemente, práticas são orientadas de forma diferente.

Da mesma forma, a DLL se caracteriza por sua complexidade na medida em que consiste em diversos elementos para atender às diversas ações que surgem no espaço de sala de aula. Sob esse conceito de complexidade, Barbosa (2011) coleciona a ideia de multidimensionalidade, articulação e inter-relação devido ao envolvimento dessa disciplina com outras que estão localizadas em diferentes quadros.

Outra característica que este autor confere a essa disciplina é seu funcionamento paradoxal ao definir esse caráter incongruente como “uma verdade comumente observada”. A forma paradoxal de ser dessa disciplina está no fato de que seus conceitos-chave parecem contrários à lógica, embora não seja assim. Como fala Salomão (2013), trata-se de associar “no mesmo quadro conceitos complementares/simultâneos/antagônicos” tais como: “teoria/prática, oral/escrita, compreensão/expressão”, entre outros.

Da mesma forma, essa disciplina tem uma característica transversal devido à sua disponibilidade para fornecer conhecimento de outras disciplinas através de uma transversalidade externa. Serve e é servido através de uma transversalidade “interna” que nas palavras de Barboza (2014) é sobre a comunicação constante e interação entre a didática de cada língua particular, entre as quais há uma reciprocidade e igualdade de considerações. Proporciona o conhecimento que vem de outros marcos epistemológicos e suas disciplinas correspondentes, tais como: o quadro linguístico discursivo, com contribuições da Linguística, pragmática e retórica; o arcabouço educacional com contribuições da Pedagogia e Metodologia; o quadro sociocultural com contribuições da Sociolinguística e sociologia e o quadro individual com contribuições da Psicolinguística e Psicologia (também no contexto indígena).

É uma disciplina que surge com base na necessidade de resolver os problemas que surgiram do espaço da sala de aula, olhando para ela de diferentes perspectivas. A diversidade na sala de aula tem sido considerada

um problema. Portanto, as discussões sobre a atenção à diversidade tornaram-se mais evidentes nas últimas décadas e, a partir de diversos campos científicos, têm discutido a diversidade biológica, a diversidade funcional, a diversidade sexual e a diversidade linguística cultural, indígena ou não.

A DLL tem cuidado de prestar atenção à diversidade buscando compreender e dar respostas a esses problemas relacionados ao ensino-aprendizagem de línguas dentro ou fora das escolas, durante a formação escolar e ao longo da vida. Ele tem buscado compreender a multiplicidade de fatores contextuais que influenciam a comunicação e, consequentemente, a aprendizagem da língua. Foca-se na atenção à diversidade linguística cultural em direção a uma educação inclusiva para lidar com a negação, exclusão e isolamento de línguas, culturas, pessoas ou grupos de minorias nas escolas e em diversos contextos sociais.

A pesquisa do DLL tem contribuído muito à compreensão da abordagem social da língua, bem como na compreensão da rede que sustenta as relações que formam a tríade: línguas, culturas e sociedade. A sala de aula como contexto comunicativo é, segundo Nascimento (2009), um dos temas mais apreciados na pesquisa do campo das DLLs pelo interesse no discurso do professor, no dos próprios alunos e nos processos de interação que se estabelecem entre eles.

Da mesma forma, no campo da DLL a diversidade é abordada propondo a melhoria no ensino-aprendizagem das línguas que ajudam os alunos a estabelecer relações entre as línguas que são oferecidas como língua estrangeira, segunda língua e língua materna. Trata-se de aperfeiçoar as relações entre as linguagens utilizadas (e seu aprendizado) para construir uma verdadeira competência multilíngue.

Uma educação linguística orientada para o aprimoramento da comunicação e interação entre os indivíduos – competência intercultural – e a otimização das relações entre as linguagens – competência multilíngue – é, do nosso ponto de vista, essencial para o sucesso da aprendizagem linguística indígena ou não. É importante considerar o contexto e as pessoas que o compõem, como agentes que aprimoram o conhecimento que entram em ação na medida em que as relações se tornam efetivas, bem como nos orientam para uma perspectiva de aproximação integrada das línguas (MAHER, 2010).

## **A atenção à diversidade de línguas e culturas: Fundamentos da Educação Multilíngue e Multicultural para o aprendizado de outras línguas, inclusive, línguas indígenas**

A pesquisa no campo das ciências linguísticas tem sido focada, especialmente, na compreensão de como os humanos adquirem línguas e como elas evoluem. Esses estudos foram formulados sob as diferentes concepções da linguagem: alguns foram orientados para uma perspectiva formal e outros para uma perspectiva funcional.

Nesta seção apresentamos algumas concepções de linguagem, métodos e abordagens usadas para ensinar línguas, bem como teorias da aprendizagem linguística. Exploramos a forma como essas concepções, métodos e teorias têm sido apresentados, buscando compreender como o ensino-aprendizagem das línguas tem sido proposto seguindo uma ordem cronológica de eventos e como ela é atualmente colocada diante das evidências da diversidade linguística-cultural e da atenção dada ao ensino-aprendizagem das línguas levando em conta a perspectiva do multilinguismo, incluindo línguas indígenas (MAHER, 2010).

### **A linguagem na perspectiva do multilinguismo**

O conceito de linguagem foi redefinido ao longo do tempo graças aos avanços na pesquisa em disciplinas que têm tratado com o estudo da linguagem. Se na primeira língua é concebida como uma expressão de pensamento, mais tarde seu conceito está relacionado à funcionalidade e ao uso social da linguagem, ou seja, a linguagem pode ser entendida como um mecanismo de interação.

É verdade que em cada um desses universos metodológicos, a linguagem é concebida de forma diferente e estamos cientes de que existem outras visões da linguagem, algumas mais e outras menos conhecidas. Buscaremos apresentar pelo menos três deles, ou seja: linguagem como sistemas de estruturas, linguagem como visão do mundo e da linguagem como mecanismo de interação.

Na visão de Estevam (2009), é importante compreender essas visões de linguagem para que o curso do ensino-aprendizagem de línguas seja melhor delineado, especialmente línguas estrangeiras e línguas indígenas, a partir da segunda metade do século passado. O teórico estruturalista Maher (2010) nos primeiros anos do século XX, propôs um estudo descritivo das classes de palavras, orientados para a organização de uma gramática descritiva, que compreende a linguagem como uma realidade social concebendo-a como um sistema de sinais (complexo) no qual cada um está ligado a outros. Segundo Ramos (2013), essa percepção significou um avanço no ensino das línguas, pois permitiu compreender a relação de semelhança entre as línguas no que respeita à sua organização estrutural.

Para o caso em questão, das línguas indígenas, essa concepção é importante porque um ensino-aprendizagem das línguas na perspectiva do multilinguismo, orientado para o desenvolvimento da competência multilíngue, entende que a aprendizagem é mais eficaz quanto maior a mobilização do repertório linguístico e, para isso, o aprendiz faz uso de fonemas, palavras, expressões comparando-as e relacionando-as. Inclusive, como afirmado no Ramos (2013) e em Maher (2013), a capacidade de relacionar línguas e culturas é uma importante habilidade intercultural para o desenvolvimento da competência intercultural e da competência multilíngue.

A partir dessa concepção, a linguagem é mais do que um sistema de estruturas. É concebida como uma organização simbólica e complexa através da qual vemos o mundo. A partir dessa hipótese, o conhecimento linguístico determina a maneira de ver o mundo e cada língua diferente é mais uma maneira diferente de conceber e entender a realidade. Esses autores baseiam suas hipóteses com base em estudos realizados em comunidades indígenas, cujas línguas são estruturadas de forma muito diferente de outras línguas mais conhecidas, como as línguas neolatina e anglo-saxã, por exemplo. Os autores afirmam que é. Para eles representar com precisão o pensamento dos nativos é um desafio, uma vez que quanto mais distante a estrutura da língua deles for a nossa, mais difícil se torna explicar a forma como eles concebem o universo”.

No que diz respeito à comunicação em outras línguas, conhecendo outras línguas, Correia (2019) ressalta que estes proporcionam ao indivíduo

uma visão muito mais aberta. De fato, concordamos completamente com o pensamento deste autor e acreditamos que o conhecimento de várias línguas não só nos permite ver o mundo de forma diferente, mas também nos permite agir de forma diferente neste mundo.

Correia (2019), citando Fantini (1997), menciona que é necessária uma competência integrada constituída pelo conhecimento na língua estrangeira e uma visão ampliada e transformada do mundo. Este autor compartilha a ideia de que em cada língua as visões do mundo são diferentes. No entanto, acredita-se que quando o indivíduo faz uso de outras línguas e constrói essa competência integrativa permitindo-lhe uma visão panóptica isso será constituído de elementos compartilhados, ou seja, será composto de características presentes que são comuns em todas as línguas ou, em qualquer caso, em algumas delas.

É importante ressaltar que para dialogar sobre as Comunidades Multilíngues, Multiculturais, Ensino-Aprendizagem, Linguística e Indígena direcionamos o estudo para a concepção de linguagem que tornou-se mais popular nos anos 70 do século XX, a partir da ideia de competência comunicativa apresentada por Hymes (1971) e levando em conta os fundamentos das teorias socioculturais apresentadas por Vygotsky (1979).

A partir dessa concepção de linguagem, pensando nas línguas indígenas, assumimos que, além de aprender a utilizar um conjunto de regras produzindo afirmações bem estruturadas, é necessário poder se adaptar linguisticamente a um determinado grupo social. A linguagem dessa noção, como ferramenta de interação, é orientada para uma perspectiva funcional, levando em conta o contexto e as circunstâncias em que ocorrem estas interações (SWAIN, 2006).

Essa visão comunicativa da linguagem é o que orienta o ensino-aprendizagem das línguas na perspectiva do multilinguismo. Uma perspectiva que leva em conta o contexto em que o aluno se move, razão pela qual grande importância e atenção são dadas à diversidade linguística e cultural, ou seja, a diversidade é considerada como um recurso que favorece as interações.

## Alguns apontamentos finais

Seguindo para as considerações finais de uma forma que podemos dizer que em nossa opinião, é assim que a competição multilíngue para as línguas indígenas é caracterizada; não é uma adição de vários repertórios monolíngues, mas é um repertório mais diversificado no qual os elementos estão relacionados. Conforme afirmado no Nascimento (2019), as competências linguísticas e culturais em relação a cada língua são modificadas através do conhecimento da outra língua e contribuem para a criação de consciência, habilidades e capacidades interculturais. Este estudo corrobora com muitos estudos que estão sendo embasados e articulados sobre as línguas indígenas (e posteriormente sobre as línguas indígenas de sinais para indígenas surdos), sendo necessário que as perspectivas aqui delimitadas também sejam pensadas em contexto de novas pesquisas. Como já ressaltamos neste estudo, sobre as línguas indígenas e as suas modalidades, estas não estão mais veiculadas apenas a aparatos orais. Existem línguas indígenas que englobam línguas escritas e as línguas de sinais.

## Referências

- BARBOZA, Leticia da Silva. Variação linguística e o ensino de língua materna: uma análise de livros didáticos na educação de jovens e adultos-EJA. *Ideação*, v. 16, n. 2, p. 142–160, 2014.
- BARBOSA, Siderly C. D.A. A Sociolinguística e o ensino da língua materna. Curitiba-PR: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. 2011.
- CORREIA, Andressa Aparecida. Diversidade Linguística: As múltiplas linguagens nas esferas escolares. 37 p. Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Linguagens e Ensino a distância. Florianópolis: UFSC, 2019.
- ESTEVAM, Tatiane de Cássia. Variação linguística na sala de aula: uma proposta de análise por meio de textos dissertativos. 37 f. *Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - Faculdades Integradas Fafibe*. Bebedouro: Fafibe, 2009.
- DURAN, Pedro. O ensino dos sistemas de escrita da língua guarani e da língua portuguesa nas séries iniciais do ensino fundamental na Escola Adriano Pires – uma crítica

ao modelo vigente e algumas propostas de intervenção. *Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu)* Dourados, UFGD, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo A temática indígena na escola: subsídios para os professores. *Pedro Paulo Funari, Ana Piñón. -1ª reimpressão.* -São Paulo: Contexto, 2014.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: *Objetiva*. 2001.

HYMES, D. H. Sobre a competência comunicativa. Documentos básicos no ensino de línguas estrangeiras. *Madrid: Edelsa*, (pp. 27-47).

KRASHEN, S.D. Alguns problemas relacionados ao modelo do monitor. En H. D. Brown, C. A. Yorio y R. H. Crymes (eds.), *On TESOL 77: Teaching and Learning English as a Second Language*. Tendências em pesquisa e prática. Washington, DC: TESOL, 1977.

LEWANDOWSKI, T. Dicionário de Linguística. *Madrid: Cátedra*, 1982.

KNAPP, Cássio. Retórica da educação escolar indígena: entre o mesmo e o diferente. *Dissertação (Mestrado em História)*. UFGD: Dourados, 2011.

MAHER, Terezinha Machado. O Bilinguismo e o Aluno indígena. In: *VEIGA, Juracilda & FERREIRA, Maria Beatriz Rocha*. (Orgs) Desafios Atuais da Educação Escolar Indígena. ALB. Ministério do Esporte. Campinas SP. 2010.

NEMSER, W. Approximative System of Foreign Language Learners. In: *IRAL IX. No.2 pp. 115-123*. 1971.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. *São Paulo: Contexto*, 2008, p. 43-51.

NASCIMENTO, A. C. Escola Indígena: palco das diferenças. Campo Grande: UCDB, 2009. (*Coleção teses e dissertações em educação, V. 2*).

NASCIMENTO, Márcia. Revitalização e ensino de línguas indígenas no Brasil. In: *ME-NEZES, M. M. de. et al.(orgs.). Direitos Humanos em Debate: Educação e Marcadores Sociais da Diferença*. p. 46-63. Porto Alegre: Cirkula 2019.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O último refúgio da língua geral no Brasil, In: *Estudos Avançados*. v. 26, p. 245-254 USP, São Paulo, 2012.

POSSENTI, Sírio. A língua não é dos falantes. In: *Revista Língua Portuguesa*. Nº 89: Editora Segmento. P. 44-45. 2013.

RAMOS, Antônio Dari. Para uma interculturalidade efetiva: um diálogo a partir dos estudos descoloniais. In: *Losandro Antônio Tedeschi. (Org.). Leituras de Gênero e Interculturalidade*. Dourados: Editora UFGD, 2013, pp. 523-543.

SANTOS, Suzana Sanches dos. O bilinguismo como proposta inclusiva para surdos no processo inicial de escolarização. 2013. 55f. Orientador: Prof<sup>a</sup>. Esp. Nívea Maria Pinheiro Costa. *Trabalho de Conclusão de curso (graduação)* – Faculdade Cearense, Curso de Pedagogia, 2013.

SANTOS, Aymmé Silveira. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set-dez/2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1654>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SALOMÃO, Ana C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SELINKER, L. Interlanguage. En *IRAL*. Vol. 10, N. 2, 1972.

SILVEIRA, Rafael da. Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais. *Revista Práxis Pedagógica*. v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234090324.pdf>. Acesso em: 12 mai. de 2022.

SWAIN, M. Linguagem, agência e colaboração em proficiência avançada em segunda língua. Em H. Byrnes (ed.), *Aprendizagem avançada de línguas: A contribuição de Halliday e Vygotsky*. Londres: Continuum. (págs. 95-108), 2006.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: *Linguistic Circle of New York*, 1953.

WEINREICH, U. *Idiomas em Contato. Descobertas e problemas*. *The Hague, Mouton*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.